

Ritchie regrava
sucesso de Rita
Lee e Mutantes



PÁGINA 3

Oswaldo Caldeira
se aventura
no romance



PÁGINAS 4 E 5

Tela atribuída a
Tarsila em feira de
SP pode ser falsa



PÁGINA 7

2º CADERNO

Quando o PALCO MANDA chamar

Astro da TV desde 1965, Tony Ramos volta ao teatro após 22 anos na peça 'O Que Só Sabemos Juntos', com Denise Fraga

Por **Ubiratan Brasil** (Folhapress)

Oranger do palco que acolheu montagens memoráveis, o cheiro da madeira, o burburinho dos bastidores, o subir e descer da enorme cortina vermelha. Tony Ramos sentia saudade do ritual de participar de uma peça de teatro. Fazia 22 anos que o ator não vivia a experiência de estrelar uma montagem. O ator guarda ótimas lembranças da última, "Novas Diretrizes em Tempos de Paz", de 2002, na qual viveu um ex-torturador da polícia que lhe valeu um raríssimo elogio de Bárbara Heliodora, uma das mais respeitadas e temidas críticas teatrais brasileiras, famosa pela economia de adjetivos.

"É um reencontro muito especial para mim", conta o ator de 75 anos que, com a estreia de "O que Só Sabemos Juntos", no Teatro Tuca, no dia 26 de abril, vai também

iniciar a comemoração de 60 anos de carreira, boa parte construída na televisão — sua primeira novela foi "A Outra", de 1965, na extinta TV Tupi — hoje são mais de 50 títulos, além de séries e teleteatros.

Na Globo, estreou em "Espelho Mágico", de 1977, iniciando um contrato de exclusividade ainda em vigor, somando já 47 anos e com término previsto para setembro, ao contrário de especulações que apontavam o final para este mês de março.

Ramos é um dos poucos artistas a ainda manter vínculo fixo com a emissora, que vem gradativamente acertando contratos por trabalhos específicos. "Especulações sobre minha não renovação acontecem há dois anos. Nunca se sabe, mas por enquanto continuo na Globo", afirma ele, que teve como último papel Antonio La Selva, um dos vilões de "Terra e Paixão", folhetim das nove que não alcançou o sucesso esperado.

Aliás, sua volta ao teatro vai acontecer com um novo visual, agora sem a vistosa



Eduardo Knapp/Folhapress

Tony Ramos e Denise Fraga no teatro Tuca

barba grisalha que marcou o personagem da novela.

O ator vai dividir a cena com Denise Fraga, atriz com trajetória de 40 anos que foi essencialmente construída em outro espaço, no palco. "É um prazer trazer o Tony de volta a esse emocionante playground", brinca ela.

A alusão ao parquinho infantil não é ape-

nas uma ironia. "O Que Nós Sabemos Juntos" não traz um texto tradicional, com início e fim. Tampouco os atores vão viver personagens específicos. O título, aliás, já antecipa como a participação da plateia será essencial. Para um melhor entendimento de como nasceu o projeto, é preciso voltar no tempo.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Oprah Winfrey participará de evento em São Paulo

Oprah Winfrey será entrevistada por Taís Araújo

Oprah Winfrey desembarca no Brasil nesta semana. A magnata da mídia americana vem ao país para participar do evento Legends In Town, com nomes da política, mídia, negócios e entretenimento.

Taís Araújo vai entrevistar a jornalista nesta quarta-feira (10), em São Paulo. A conversa vai discutir liderança femi-

nina, empreendedorismo e diversidade.

É a segunda vez que a americana visita o país. A primeira passagem foi em 2012, quando a apresentadora foi a Goiás entrevistar o médium João de Deus. Seis anos depois, ele foi acusado de abuso sexual e Oprah divulgou nota se solidarizando com as vítimas.

Tensão no ar

Clima tenso nas últimas semanas entre as produções dos programas Altas Horas e Caldeirão com Mion. O motivo do estremecimento é o especial com Caetano Veloso e Maria Bethânia, que foi ao ar sábado (6) no programa de Marcos Mion.

É desta vez?

Comandante do Brasil Urgente (Band) desde 2003, José Luiz Datena tem feito novamente movimentos para disputar eleições, algo que ensaia desde os anos 2000. O contrato de Datena com a emissora vai até o fim deste ano.

Tensão no ar II

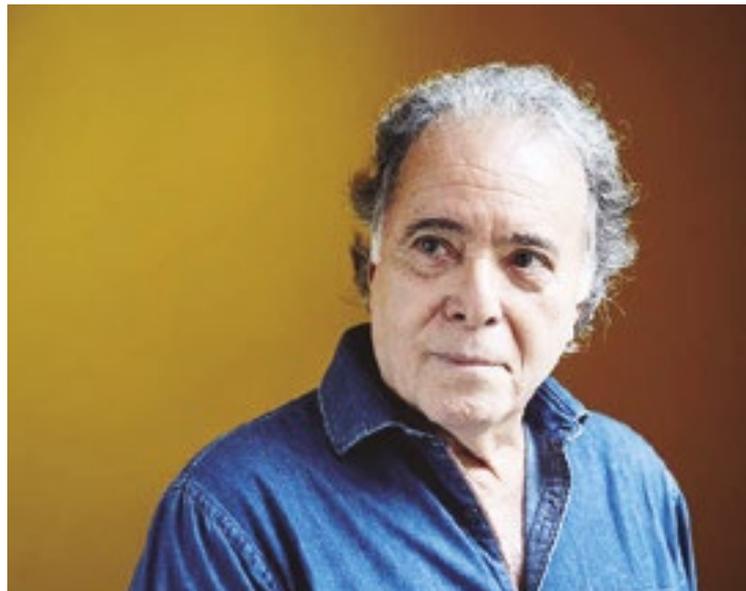
Tanto a equipe quanto o próprio apresentador do Altas Horas, Serginho Groisman, estão incomodados com a apresentação das estrelas da MPB na atração das tardes de sábado em formato parecido com o que Serginho faz há anos em programa.

Desafio

Michael J. Fox, que sofre com Parkinson e se aposentou em 2020, afirma que voltaria a atuar se conseguisse um papel adaptado para sua doença: "Eu atuaria de novo se surgisse algum trabalho em que eu pudesse pôr minha realidade e meus desafios".

'Sei que posso fazer qualquer tipo de espetáculo e me interessava alargar os horizontes'

Eduardo Knapp/Folhapress



Tony Ramos: 'O melhor é preferir a dúvida e o questionamento em vez da certeza fácil e esvaziada'

A aproximação de Tony Ramos com Denise Fraga começou quando ele assistiu o primeiro monólogo dela, "Eu de Você". É uma bem costurada dramaturgia que reúne histórias e sentimentos da própria Fraga, de citações de escritores renomados e, principalmente, de vivências reais de pessoas anônimas, coletadas ao longo de seis meses.

Tony assistiu à peça duas vezes e ficou encantado com a capacidade de comunicação com a plateia. A forma pouco tradicional de atuação o fascinou. "Sei que posso fazer qualquer tipo de espetáculo e me interessava alargar os horizontes", conta o ator, cuja versatilidade no

palco ficou notória entre os anos 1960 e 1990, quando tanto atuou na peça "Quando as Máquinas Param", ao lado de Walderez de Barros; ou quando interpretou a travesti Geni em "Olé Olá Meu Refrão", show em homenagem aos 25 anos de carreira do compositor Chico Buarque, em que cantou, dançou e usou salto 15. Dividiu ainda o palco com Regina Braga, em 1997, em "Cenas de um Casamento", em que Ingmar Bergman, em um de seus mais densos textos, descortina o amor e a dor em suas diversas paisagens.

Com o aceno de Ramos em participar de um projeto semelhante e alternativo, Denise e seu marido, o diretor Luiz Villaça, se

uniram ao tradicional parceiro, o produtor José Maria, para rascunhar "O Que Só Sabemos Juntos".

Novamente, há costura de histórias pessoais, com citações de grandes autores e a vivência de pessoas anônimas. A peça promove o encontro de dois atores, um homem e uma mulher, com uma multidão de pessoas na plateia. A conversa começa com a lembrança das memórias daqueles artistas e suas referências teatrais, como Tio Vânia, do russo Anton Tchekhov, e Galileu Galilei, do alemão Bertolt Brecht.

Com a consultoria e participação do dramaturgo Vinicius Calderoni, as conversas vão aos poucos condensando dramas humanos. Assim, ao longo da peça, juntam-se pinceladas do pensamento da autora, ativista e feminista bell hooks, além dos ensaios e crônicas da escritora polonesa Olga Tokarczuk, textos da jornalista e documentarista brasileira Dorrit Harazim, pitadas da prosa da francesa Annie Ernaux e da poesia de Fernando Pessoa, Wislawa Zymborska, Arnaldo Antunes, João Cabral de Melo Neto, entre outros.

Aos poucos, o emaranhado vai envolvendo a plateia na construção de um alfabeto de memórias, de gestos, de experiências, mais que de opiniões. Em cena, Tony até ensaia uns passos de dança, ao som de uma banda com cinco mulheres que se apresenta ao vivo, sob a direção de Fernanda Maia. "É uma espécie de realimentação", afirma o ator. "Gosto dessa brincadeira de que só sabemos juntos, respeitando o tempo interior do outro, seu silêncio. E de que o melhor é preferir a dúvida e o questionamento em vez da certeza fácil e esvaziada."

Com mais de 140 personagens, Tony continua fã ardoroso de telenovelas, ainda que a audiência do gênero venha caindo. "Como se pode tachar de fracasso uma novela que atrai a atenção de, pelo menos, 5 milhões de pessoas?", questiona. Ele credita à junção de três fatores o segredo do sucesso: amor, paixão e suspense. "Esse mesmo modelo está nas séries do streaming. Ou vai me dizer que 'Breaking Bad' não é uma espécie de novela?", questiona.

Ritchie celebra sua fada-madrinha em novo single

Releitura de 'Ando Meio Desligado' e a inédita 'Saudade Sem Paisagem' marcam estreia do cantor no selo Biscoito Fino

Idolo do pop rock dos anos 1980, Ritchie lança dois novos singles nas plataformas digitais, dando início ao projeto que marca a sua estreia na gravadora Biscoito Fino. Ao longo de 2024, o cantor e compositor vai disponibilizar novos singles, sempre em pares, com registros de canções autorais inéditas e regravações de clássicos, totalizando 14 novas faixas.

Em meio à turnê "A vida tem dessas coisas", o britânico de alma carioca lança a inédita "Saudade

Sem Paisagem (Ela Jamais Virá)", parceria com o letrista Fausto Nilo; e uma nova versão para "Ando Meio Desligado", clássico de Sergio Baptista, Rita Lee e Arnaldo Baptista, um clássico d'Os Mutantes.

"Ando Meio Desligado" traz à tona a história de Ritchie com Rita Lee, "a fada-madrinha" que mudou o curso de sua vida, como ele frisa: "Rita foi a primeira brasileira que eu conheci em Londres, em 1972. Se não fosse esse encontro fortuito num estúdio, talvez eu jamais tivesse pisado em solo brasileiro".



Ricardo Nunes/Divulgação Vivo Rio

Ritchie presta tributo a Rita Lee nos shows de sua atual turnê que corre o país

Sobre a parceria inédita com Fausto Nilo, Ritchie diz que existem certas canções que ficam guardadas no fundo da gaveta, aguardando a hora certa de nascer. "Às vezes é uma gestação de anos. Às vezes as canções possuem linhas

melódicas ou palavras ainda a serem desvendadas. 'Saudade Sem Paisagem (Ela Jamais Virá)' é um desses casos. A harmonia e a melodia principal surgiram pela primeira vez na minha cabeça em 2009. A letra foi logo encomendada ao que-

rido parceiro e poeta Fausto Nilo, mas o arranjo musical não ficou pronto a tempo para a gravação do meu DVD, naquele mesmo ano. Deu saudade e agora, em 2024, ela verá a luz do dia. Nasceu a criança", comemora Ritchie.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Sem toxicidade

A banda carioca Flores de Plástico acaba de lançar clipe do single "Sem Você", uma ode a se livrar de um relacionamento tóxico. O vídeo coloca em evidência a nova roupagem da sonoridade do quarteto. Inspirando-se no folk rock e no rock alternativo dos anos 1980 e 90, a banda é formada pela vocalista Luli Nepomuceno e pelos músicos Murillo Peres (teclado e baixo), Lucas Coube (guitarra), Gustavo Guedes (baixo e bandolim) e pela musicista convidada Isabela Cavalcante (bateria).

Divulgação



Flash Deslandes/Divulgação

Viver o momento

Todos os caminhos, fórmulas ou mantras levam Kauan Calazans ao mesmo lugar: o agora, o tempo presente, que deve ser vivido e sentido intensamente. Esta é a proposta de "Seja Como For", novo single do músico carioca, já nas plataformas de streaming pelo selo Toca Discos. A faixa é um reggae-rock com balanço e groove, radiante e que emana positividade. "Quando estamos envolvidos emocionalmente num relacionamento ou situação, precisamos sempre relativizar o racional e o irracional. Se algo acontecer, vamos viver o momento e viver intensamente", diz o músico.



Divulgação

Em nome de Iara

Conhecida por sua beleza e voz encantadora, diz a lenda que Iara é uma sereia que seduzia os homens para debaixo da água dos rios. Mas em tempos de desmatamento e poluição, o que Iara falaria aos homens de hoje? Pensando nisso, Alan Bernardes se propõe a transpor a lenda da sereia para os dias atuais e homenageia essa criatura mística em "Iara", seu novo single já nas plataformas digitais nesta quinta-feira. "A canção homenageia essa personagem tão viva para as culturas ribeirinhas, caiçaras e indígenas em geral. Manter sua história viva é também lutar pela preservação da biodiversidade e da cultura brasileira."

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Centrado no fluxo memorial e nas vivências de um homem de cinema atrás de um sentido, “Onde o Mar Começa” é uma belíssima estreia de um veterano cineasta – o mineiro Oswaldo Caldeira - na prosa ficcional da literatura brasileira, com uma voltagem poética capaz de evocar um desabafo clássico de William Butler Yeats (1865-1939). Este dizia: “Penso onde começam e terminam as glórias dos homens: a minha foi ter os amigos que tive”.

Com sessão de autógrafos e conversa com o público agendadas para esta quarta (dia 10), às 19h, no Estação NET Rio, o primeiro romance do realizador de “Tiradentes” (1999) é yeatsiano até a medula. Carrega um fluxo nostálgico que não nega a beleza do presente.

É o mesmo molde que Caldeira usava em suas aulas na Escola de Comunicação da UFRJ. Em sala, ele pregava a homilia da diversidade estética, indo de “Pulp Fiction” (1994) aos experimentos de Julio Bressane, sempre citando o sorriso de Elmer Gantry, personagem de Burt Lancaster (1913-1994) em “Entre Deus e o Pecado” (1960). Lecionando, ele abriu cabeças, formando documentaristas - que jamais esqueceram de suas lições sobre a arte do enquadramento – e críticos – gratos a ele pelos saberes ligados à dramaturgia de plano.

Em seu ofício de fazedor de filmes, Caldeira emplacou uma obra-prima, que hoje comemora 50 anos: “Passe Livre” (1974), sobre o jogador Afonsinho. Passou pelo “Globo Repórter”, na TV, e fez ficções que ganham novas leituras (e novo prestígio) com o tempo, vide “O Bom Burguês” (1983) e “O Grande Mentecapto” (1989). “Histórias de Alice” (2016) é o longa-metragem mais recente de uma obra que ele esquadrinha na entrevista a seguir.

De que maneira o seu “Onde o Mar Começa” exorciza fantasmas de sua juventude e de sua maturidade e de que maneira esse romance tangencia suas leituras de formação? Escrevê-lo foi, em que medida, um processo terapêutico em relação ao que se viveu na pandemia?

Oswaldo Caldeira: Escrevi esse livro a vida inteira. Literalmente. Sempre me considerei um escritor. Na minha infância, meu pai tinha uma máquina de escrever na loja dele. Eu ia lá, ficava escrevendo meus



‘Sempre tive uma montanha em frente aos lugares onde morei’

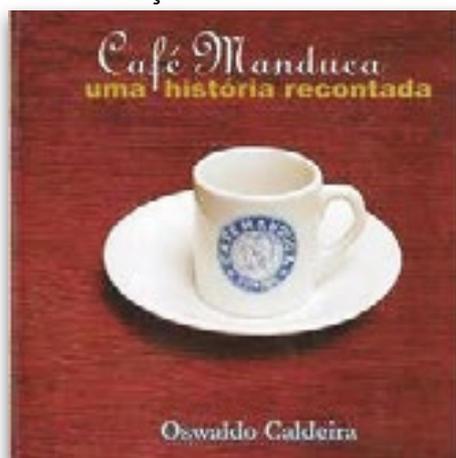
escritos com um dedinho. Uma coisa mágica! Maravilhosa! O escrito assumia outra dimensão: chegava ao outro. Publicava-se! Cheguei a escrever dois romances que quase foram publicados. Chegaram a sair notas na imprensa. Além desses livros, escrevi anotações através dos tempos que chegaram a ter cerca de mil páginas em folhas soltas, cadernos. O computador permitiu que pudesse ordená-las e que fossem reduzidas até chegar na forma atual. São etapas da minha vida e o que nelas mais me marcou. Grande parte foi escrita com o verbo no presente. É a minha passagem pelo Nouveau Roman. Foram coisas escritas quando ocorreram. Já estava pronto bem antes da pandemia, cheguei a tentar negociar com algumas editoras e desisti. A novidade é publicar aos 80 anos o livro de ficção que tentei publicar a vida inteira.

Seu livro é regado de verbos no pretérito, seja o perfeito, o imperfeito ou o mais que perfeito. O que essas ações e ligações representam acerca de sua relação com o passado e como elas alinham um lugar de nostalgia e de melancolia na sua prosa?

Como mineiro e migrante, há sempre uma pontada de nostalgia de lembrança das montanhas. Fernando Brant, numa ocasião, disse a mim: “Mineiro é assim, tem de ter sempre uma montanha em frente ao lugar onde ele mora. De vez em quando ele senta ali e fica olhando aquela montanha só dele”. Pensando bem, sempre tive uma montanha em frente aos lugares onde morei. O longe... o sempre... o mistério além das montanhas... Essa nostalgia do migrante está presente no Montaldo do filme “Os Boas Vidas”; no Jean-Paul Belmondo se lembrando de que seu pai tocava clarinete; no Luca de “Rocco e Seus Irmãos”. Nessa visita constante a BH há sempre o “Encontro Marcado”, de Fernando Sabino; a Itabira de Carlos Drummond de Andrade; e “O Amanuense Belmiro”, de Ciro dos Anjos. No entanto, e isso fica bem nítido no romance, há uma ânsia de viajar no mais amplo senso, descobrir o que há além do confinamento das montanhas. Sou de uma família de migrantes. Meu avô veio da longínqua Galafura, em Trás os Montes, e meus parentes se espalharam pelo mundo. Meu pai nasceu no Pará, foi para Portugal e veio morar em Belo Horizonte. Falei disso no livro “Café Manduca”. Somos uma família em constante movimento. Em devir. O Migrante está sempre em busca do novo, das descobertas de um mundo melhor. Do sonho. Dos mares nunca antes navegados. Onde o Mar começa... E se mais mar houver...



‘Histórias de Alice’ (2016) é o filme mais recente do cineasta mineiro que tem dois livros publicados: ‘Café Manduca’, de memórias, e o romance ‘Onde o Mar Começa’



De que maneira a sua obra literária, a ensaística e a ficcional, deixa-se contagiar por suas vivências de cinema? Que filmes e que sets demarcam a sua escrita?

Não posso dizer que propriamente algum filme influenciou a minha escrita. Sendo a história de um cineasta há menção de momentos importantes de descoberta no percurso do personagem principal, como ver “Acossado” no cine clube, ser premiado no Festival JB e ver as consequências da premiação no festival. Estar bebendo em frente ao Cine Metrôpole, em Belo Horizonte, conversando sobre os filmes da Metro vistos ali; os encontros com cineastas; os festivais no exterior – tudo isso marca. São encontros. O romance todo está pontuado por acontecimentos cinematográficos. É um percurso cinematográfico. Agora, filmes, formas narrativas cinematográficas influenciando minha escrita, não. Minhas influências vêm da própria literatura. É Faulkner, Kerouac, Joyce, Fernando Sabino, Mallarmé. Da mesma forma, minhas influências nos meus filmes vêm de outros filmes. É Godard, Losey,

Ricardo Pinto e Silva/Divulgação

filmes mais recentes, como “Pampulha” e o “Histórias de Alice”. Há em mim uma indagação sobre o sentido das coisas e sobre as nossas possibilidades de alcançarmos o seu sentido mais profundo. Em “Histórias de Alice” o personagem principal atravessa o oceano em busca das histórias de sua mãe. São sempre filmes críticos do ponto de vista narrativo, que não se adotam como verdades, que refletem sobre si mesmos, que têm consciência de que são narrativas, um fluxo em devir como queria Heráclito ou Camus a partir de uma visão platônica. Um meio para conversar com o espectador sem a pretensão de deterem a verdade em si mesma.

O senhor citava de Julio Bressane a Coppola em suas aulas de Jornalismo Cinematográfico na UFRJ, nos anos 1990 e 2000. Seus estudos convidavam estudantes a pensar a forma fílmica da expressão audiovisual. Que outros achados o senhor encontrou em sua autocrítica, nessa revisão de sua própria obra?

Outra coisa que constatei foi que fiz filmes sobre loucos sonhadores: Ajuricaba (organizou uma confederação de indígenas para resistir ao invasor) Afonsinho (proibido de jogar futebol porque usava barba, conseguiu “Passe Livre”); Tiradentes (andava pelos caminhos da Colônia pregando a libertação); “O Bom Burguês” (desviava dinheiro do Banco do Brasil para financiar a luta armada); JK e Niemeyer (idealizaram e construíram Brasília). Todos têm isso em comum: pessoas reais ou ficcionais que sonharam mudar o mundo, buscar a justiça o amor, um mundo melhor. Lancei mão em meus filmes de pessoas reais ou ficcionais que falavam por mim, colocavam-se em meu lugar, como máscaras. Elas foram sendo trocadas sucessivamente ao longo de meu trabalho, fazendo-me representar por elas em cada um de meus filmes. Era também, na verdade, uma maneira de melhor apropriar-me de mim mesmo, desvendarme, escavar-me, entender-me. Constituindo-se ele mesmo em fator construtivo, em construção e constituição por si mesmo no próprio processo devir de constituir-se. Uma coisa que minha literatura tem em comum com meus filmes é essa visão. Meu avô Manduca veio menino de Galafura. O pai morreu na peste do porto de Santos. Ele foi para o Pará, onde era burro-sem-rabo até construir o maior Café de Belém, o Café Manduca. Depois a maior fábrica de calçados de Portugal. Acho que uma revelação que o “Onde o Mar Começa” traz é que na verdade todos esses loucos sonhadores eram uma representação do cineasta do livro.



Fellini, Eric Rohmer. São canais diferentes. Ambas vão buscar na minha formação no curso de Filosofia. No final de “Onde o Mar Começa”, há um trecho em forma de roteiro. Não é uma influência. Justifica-se porque o personagem está fazendo o roteiro de um filme. Será o “Histórias de Alice”? É uma citação de mim mesmo metalinguística em que abordo uma forma alternativa de narração sobre o mesmo tema. Num filme de Godard um personagem pode ler um livro mas continua sendo cinema um filme em que o personagem lê um livro.

Passando seu cinema em retrospecto, que obra o senhor criou?

No primeiro filme – “Telejornal”, talvez o mais radical, feito por um jovem cineasta e estudante de filosofia, fã de Godard, Faulkner e James Joyce –, eu questiono a possibilidade de se reconstituir documentalmente a existência histórica de uma cidade desaparecida a partir de fragmentos de imagens e sons, de vozes, ruídos e documentos de toda ordem. Essa postura permaneceu até meus

MORA NA FILOSOFIA

ALDO TAVARES
PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

Papo com Hípias Menor

Tão logo soube quem pensou o assassinato da vereadora Marielle Franco, o jornal recebeu contato de uma inteligência grega que pensa o poder da mentira, Hípias Menor, propondo uma conversa com esta coluna. A entrevista foi no Departamento de Filosofia da UERJ, onde o filósofo esteve por uma semana ministrando o curso De Maquiavel a cabo Anselmo, a mentira como política de Estado.

Risonho, Hípias estava diando verdades quando se referiu a Rivaldo Barbosa, que, como delegado titular da Divisão de Homicídios do Rio de Janeiro, tinha de descobrir os assassinos de Marielle Franco; mas, ao mesmo tempo, tinha arquitetado seu assassinato. Encontrar pessoas é encontrar palavras.

Hípias, quem o convidou a dar um curso na UERJ?

Foi uma ideia da minha grande amiga professora-doutora Maria Helena Lisboa da Cunha. Quando ela me falou do caso Marielle e o envolvimento do policial Rivaldo Barbosa, sugeri um curso, e a UERJ aceitou que eu lecionasse sobre o poder da mentira enquanto política de Estado.

O que é a mentira?

Conceito vastíssimo, e o primeiro a pensá-lo foi meu amigo Platão, mas ele pensou comigo em um livro que leva meu nome. Esse nosso diálogo específica em um aspecto o conceito platônico de mentira nobre, que ele pensa em A república. Posso dizer a você que o mentiroso fala o-que-

-é-não-é e o-que-não-é-é, ou seja, ele joga.

O que isso tem a ver com Rivaldo Barbosa?

Ora, ele dizia ser amigo das causas políticas de Marielle Franco e agia como amigo dela. Depois do assassinato, dizia e se comportava como amigo da família de Marielle, mas o seu dizer “ser” era “não-ser”. Percebe?

Ficou claro.

Então, o poder da mentira está “entre” ser-e-não-ser, ou seja, situa-se “entre”, sendo nem uma coisa nem outra porque é uma e outra ao mesmo tempo. Platão fala “potência intermediária”, é o poder da própria representação, que é o rosto-palavra do César Borgia, do cabo Anselmo, do Rivaldo Barbosa.

No livro Hípias Menor, você diz a Platão o ato voluntário de mentir.

Digo que quem sabe mentir, e por isso é voluntário, sabe o que é verdade. No livro, pergunto: quem é o melhor lutador, o que cai porque quer ou que cai sem o querer?

Porque quer.

Quem pratica a pior ação, então, é o melhor lutador, e o delegado Rivaldo Barbosa sabia praticar tão bem a pior ação porque conhecia não só a verdade como foi o melhor a praticá-la.

A política é mentira?

No Rio, a população há anos elege só políticos que sabem mentir porque, paradoxalmente, sabem dizer a verdade.

‘A gente precisa estar aberto a reinvenções’

Divulgação Paramount+

Série de máfia com Sylvester Stallone ganha segunda temporada com a promessa de virar um novo ‘A Família Soprano’

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

A espera de tela para o thriller “Armored”, Sylvester Stallone hoje anda por Oklahoma, a locação da segunda temporada de um de seus maiores sucessos populares: a série “Tulsa King”. No fim de 2022, a Paramount+ ampliou seu já regado cardápio audiovisual ao adicionar o eterno Rocky Balboa a suas fileiras.

Aos 77 anos, Stallone farejou nas plataformas digitais um veio para assegurar longevidade à sua trajetória pop. Há um ano e meio, lançou o filme “Samaritano” na Amazon Prime – no qual vive um gari que esconde possuir superpoderes – e embarcou em um contrato com streaming da Paramount onde brilha também no reality “A Família Stallone”.

“Quando a imagem que construímos está mesclada a grifes, como Rocky ou Rambo, a gente precisa estar aberto a reinvenções, ou a nossa carreira fica estagnada”, disse Stallone ao Correio quando lançou “Samaritano”. “Venho interpretando personagens de carne e osso que não se encaixam nos padrões da realidade que conhecemos, por mais humanos que sejam. Sou sempre o sujeito fora da curva que não pode evitar a sina do altruísmo. A questão é que eu cheguei numa idade em que não posso mais interpretar Rambo do modo que eu fazia lá pelos meus 30 anos. Preciso honrar e respeitar a idade



A vilã Margaret (Dana Delaney) ameniza suas relações com o gangster Manfredi (Stallone) em Tulsa King

que tenho”.

Não por acaso, um dos melhores diálogos de “Tulsa King” é a conversa entre o personagem de Stallone, o gangster Dwight “O General” Manfredi e uma agente federal quarentona, Stacy (Andrea Savage), no qual ela, após uma transa acalorada, assusta-se ao saber a idade dele. Dwight pergunta: “Qual foi o problema? É o nosso gap geracional?”. E ela: “Não é um gap, é um cânion”.

Uma máfia do zero

Integrante do elenco de “Bananas” (1973), de Woody Allen, do qual quase foi descartado por não parecer ameaçador o suficiente, Stallone traz situações hilárias para “Tulsa King”, ainda que o foco da trama seja a violência. A brutalidade é inerente ao trabalho de um gangster grisalho que precisa criar uma célula criminosa do zero numa cidadezinha onde a maconha é legalizada e o único perigo é uma gangue de motoqueiros.

Taylor Sheridan, responsável pelo sucesso de “Yellowstone”, é um dos criadores de “Tulsa King”, que tem Terence Winter (de “A Famí-

lia Soprano”) à frente do roteiro e da concepção de um universo de famílias mafiosas repletas de pecados. A agilíssima direção é de Allen Coulter, que entende com precisão a persona de Stallone e o que ele simboliza historicamente. É o que se percebe na maneira como ele recria o ethos de “exército de um homem só” muitas vezes encarnado pelo ator, traduzido no tom de empáfia e de retidão plena de Dwight. A que ele sente em relação à ausência que seu encarceramento deixou na vida da filha, Tina (Tatiana Zappardino).

Durão inquebrantável, Dwight passou 25 anos encarcerado e sai da cadeia com a missão de erguer uma facção da máfia em Tulsa, encarando uma realidade diferente daquela em que se configurou como um criminoso assustador, em Nova York. Ele se depara com figuras com visual de caubói, com botas de couro de jacaré. E é ali que precisa se reerguer, tendo como aliados um taxista (Jay Will), um dono de bar (Garrett Hedlund, perfeito em cena) e um assassino aposentado (Max Casella). Duas estrelas dos anos 1990, há tempos sem destaque, regressam aos holofotes na companhia de Stallone: Annabella Sciorra e Dana Delany. A primeira vive a irmã de Dwight e a segunda é a vilã Margaret.

Tela de R\$ 16 milhões atribuída a Tarsila do Amaral é falsa, afirmam especialistas; galerista que vende a pintura afirma não ter dúvidas da autenticidade

Uma polêmica autoral na SP-Arte

Por João Perassolo (Folhapress)

Uma tela atribuída a Tarsila do Amaral (1886-1973) à venda por R\$ 16 milhões na feira SP-Arte tem agora sua autoria questionada. Uma pessoa próxima à organização do catálogo raisonné da artista, considerado a referência para a sua obra, afirmou, em condição de anonimato, que o quadro não foi feito pela pintora.

Um marchand do mercado secundário concorda. “A obra não é autêntica, caiu de paraquedas de algum lugar que ninguém sabe de onde, sem histórico. É um pastiche”, diz Jones Bergamin, da Bolsa de Arte, maior casa de leilões do país, que comandou a venda do quadro “A Cai-pirinha”, de Tarsila, arrematado por R\$ 57,5 milhões em 2020.

“Dezesseis milhões é um absurdo de dinheiro. Mas se fosse autêntica, ela seria mais valiosa do que R\$ 16 milhões, deveria valer R\$ 25 milhões, R\$ 30 milhões. Conheço e trabalho com Tarsila há muitos anos”, acrescenta ele.

O galerista que pôs a pintura à venda, Thomaz Pacheco, da OMA, afirma não ter qualquer dúvida sobre a autenticidade da obra, assim como o dono da tela, que prefere não ter o nome publicado.

A SP-Arte afirma contar “com um rigoroso processo de avaliação e seleção das galerias que pretendem participar da feira” e que a obra nunca foi aprovada ou exposta na feira. Diz ainda que em nenhum momento foi informada que a tela seria exibida e que, sendo assim, o quadro nunca passou pelo crivo da organização do evento. Acrescenta que o projeto apresentado pela OMA contemplava somente artistas contemporâneos representados pela galeria. A tela atribuída a Tarsila estava dentro de



Tela atribuída a Tarsila do Amaral e datada de 1925 à venda na galeria OMA, na SP-Arte



Filipe Berndt/Divulgação

Isso porque a tela, datada de 1925, não está no catálogo de Tarsila, o registro de todas as obras realizadas por um artista e que atesta a legitimidade das peças, e porque ele teria de conseguir o aval de especialistas na pintura. O consenso no meio da arte é que a palavra final sobre o que é ou não Tarsila fica a cargo do colegiado que organizou o *raisonné*, que só se manifesta em conjunto.

Tarsilinha, sobrinha-neta de Tarsila e profunda conhecedora da obra da tia, disse que não pode certificar a autoria e que só falaria em conjunto com a comissão. A reportagem procurou também os herdeiros da pintora que cuidam de seus direitos autorais, mas eles não se manifestaram até o momento da publicação.

A tela mostra casinhas em meio a coqueiros e é semelhante a outras pinturas da mesma fase da obra da artista, o período da década de 1920, sua temporada de formação em Paris. Segundo o proprietário, a pintura foi um presente de casamento de seu pai para a sua mãe, em 1960.

Ele relata que sua família, da alta sociedade paulistana, era ligada às artes e conhecia a família Amaral, de Tarsila, embora não fossem próximos. Diz ainda que não seria fácil achar documentos da obra nos arquivos de sua família, mas que não é impossível.

Segundo ele, a tela estava na cidade de Zalé, no Líbano, desde 1976, para onde sua família se mudou. O quadro teria sobrevivido aos ataques israelenses de 1981, que atingiram sua casa, pois teria ficado soterrado sob um piano e só a moldura teria sido danificada. O quadro mudou de cidade depois dos ataques.

O proprietário conta ter trazido a obra para o Brasil há pouco, por medo de que o conflito de Israel com o Hamas volte a atingir o Líbano, vizinho de Israel.

Pacheco, o galerista, afirma que a obra não consta do *raisonné* justamente porque estava fora do Brasil quando o catálogo foi produzido, na segunda metade da década de 2000. O dono da obra afirma não ter sido procurado pela equipe que organizou a publicação.

A SP-Arte também afirma que, após saber da existência da pintura e questionar o galerista foi informada de que a obra estava no cofre da galeria. “Assim que soubermos dos questionamentos sobre a autenticidade da obra, pedimos ao galerista que nos apresentasse a documentação de comprovação da autenticidade e fomos informados que o processo de análise técnica estava sendo iniciado”, informa a organização da feira.

uma mala acolchoada e era preciso saber de sua existência para poder vê-la.

A obra passa agora por testes na tentativa de ter sua legitimidade comprovada. Primeiro, serão feitas análises técnicas por Fabiana Trindade, da Universidade Federal do ABC, para comparar a composição da tinta da tela com outras obras de Tarsila já certificadas.

Depois dessa validação, Pacheco diz que vai procurar Aracy Amaral, uma das maiores especialistas na obra de Tarsila, em busca de anuência.

O proprietário do quadro, um homem de 60 anos com laços familiares com o Líbano, onde também morou, diz ter pedido uma opinião sobre a tela para galeristas. Eles teriam afirmado que a obra é verdadeira, mas acrescentaram que o caminho para a certificação seria longo.

Um trem danado de bão

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Somos de família mineira de Juiz de Fora, uma gente com um pé no Rio, mas com a barriga no forno de fogão. A comida sempre temperadinha, a mesa farta, tudo bem quente, variado, sempre com uma verdura e as delícias de carne suína não podem faltar. A Churrasqueira, a casa que veio de Juiz de Fora, oferece feijoada às sextas.

Fomos eu e a especialista em rádio Renata Victor entender que feijoada era essa de feijão vermelho. Fomos levadas pela mão pelo proprietário e chefe geral João Zuddio, anfitrião como só os mineiros são. Sempre oferecendo o que há de melhor. Para começar uma batidinha de limão (mineiro só fala no diminutivo, uai), feita com cachaça “importada” de lá. Ge-

CRÍTICA / RESTAURANTE / CHURRASQUEIRA

Divulgação



Feijoada à moda mineira leva feijão vermelho

lada, com um tiquinho de açúcar que só nos abriu o apetite.

Depois, as cumbucas de barro. Fartas, transbordando, com defumados vindos diretamente de Minas Gerais. As carnes de sabor único. E não para por aí. A feijoada é completa, servida com arroz branco, couve fininha ao alho, farofa e laranja e serve até três pessoas por R\$ 140.

Até aí é o básico da feijoada. Vamos lá: o arroz daquele branco, solto, pronto para se misturar ao caldo grosso e aos grãos macios do feijão. As carnes vêm cortadas, sem as peças excessivamente gordas - pé, orelha -, mas que estão no cozimento para dar aquele sabor especial. A farofa vem com a farinha pura, frita, no ponto ideal de ser quase uma neve para se colocar sobre o feijão. A laranja dá aquele frescor e a couve abafada no susto com alho refogado, para dar aquele alívio que nem tudo é pecado.

Fomos de pouquinho a pouquinho, sem precipitações, degustando devagar cada garfada ou colherada. O papo corre também sem pressa, nas lembranças da culinária raiz de nossas infâncias quando as folhas eram verduras e obrigatórias, catadas no quintal. Nada de PANCs (sigla para Plantas Alimentícias Não Convencionais). E somos agradecidas de poder comer na Churrasqueira a boa cozinha tradicional das Gerais.

SERVIÇO

CHURRASQUEIRA

Rua Vinícius de Moraes, 130, Ipanema | Diariamente, das 11h30 até 0h

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Invasão paulistana

São Paulo é chamada de capital dos melhores restaurantes. Mas o Rio é a vice, quase encostando. Nessa onda, os chefs Caio Yokota e Victor Valadao e o bartender Mauricio Barbosa, responsáveis pelo sucesso dos restaurantes Aio e Mapu Baos e Comidinhas, ambos na Vila Mariana, aterrissam no emblemático Copacabana Palace, nesta sexta (12). O encontro acontece no restaurante pan-asiático MEE, comandado pelo chef Alberto Morisawa, quando a turma do Aiô apresentara suas criações inspiradas nos sabores de Taiwan.

Nani Rodrigues/Divulgação

Tadeu Brunelli/TBFoto



La vera cucina

Na atual tendência de restaurateurs possuírem várias casas, o chefe Luiz Filipe Souza, premiado com estrela Michelin, cria a Tratoritta, no coração da Rua Pinheiros, uma casa com receitas que refletem a sua fabulosa criatividade com a cozinha tradicional italiana. Das ostras fresquíssimas à polenta cremosa com queijo tallegio e ovo mollet, as massas frescas com molhos tradicionais, os coquetéis e as pizzas que saem do forno de argila vulcânica. A Tratoritta é casa para se ir com os amigos, pra pizza de domingo, happy hour, almoço de trabalho...

Divulgação



Receitas sem glúten

Com mais de 30 mil padeiros formados, o Chef Marcelo Horta trabalha cada vez mais com a nutrição integrativa e, em 2024, seu Ano sem Glúten, que além dos cursos pagos, oferece vários cursos gratuitos para pães sem glúten, sem leite, de fermentação natural e deliciosos. O próximo curso gratuito são 4 aulas práticas, ao vivo, de 09 a 14 de abril. O chefe mandou a receita para 1kg de mix sem glúten: misturar 500g de farinha de arroz, 350g de fécula de batata, 140g de polvilho doce, 10g de goma xantana. Inscrições: @chef.marcelhorta

